

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

02.02.1996 Porto Novo

Senhora Amègan.

MILTON GURAN - Bom, estamos aqui, dia 2 de fevereiro, em Porto Novo, na casa da Sra. Amègan, nascida Campos. Segundo o programa, o desfile da véspera do Bonfim, dia 20 de janeiro, tinha que terminar em frente à delegacia, a casa de Santos e Agboton. Nós paramos aí. Depois, na casa (...), a casa (...) e Da Costa. Na rua R.I.B. Tem a casa Miguel, a casa Prats, a casa Da Trindade e Da Piedade. No VON<sup>1</sup> Cado, a casa dos Carlos, Martins, na casa de Karin. Na VON Honédacomey, a casa Patterson, passamos na casa do prefeito. Na rua Ineps e atrás do hospital, passamos na casa de Gomez.

FLORENTINE AMÈGAN - A senhora Johnson nasceu Gomez.

MG - Ela nasceu Gomez e ela é senhora Johnson. Depois, fomos na casa de Marcelino de Almeida, o velho, onde tudo começou, tinha o retrato dele lá.

FA - Sim, fomos na casa da senhora Télégan, nascida Almeida.

MG - Depois fomos na casa de Alaofé e na casa da senhora Johnson, que é a senhora Gomez. De Souza, senhora Télégan, onde fomos antes, tem também o senhor Adébo.

FA - Não, nós não paramos lá.

MG - Lá, não. Na via 40, passamos na casa Béa.

FA - Não, não fomos mais.

MG - Não, isso não. Habitat e Nanjo, senhora Campbell, Dossogbété, Francisco, General Koiyami. Francisco, a senhora conhece seu nome?

FA - Amzath.

MG - É um nome estranho. Bom, o senhor Quenun Joseph. Ah, passamos na casa do general Koiyami, que não saiu por razões de segurança.

FA - Sim.

MG - Bom, e os irmãos Acadiri, passamos no cruzamento, tem aí a senhora Quéto Françoise.

---

<sup>1</sup> Ndt: Voire orienté nord, via orientada para o norte, designação de algumas ruas da cidade de Cotonu

FA - Não, nós não fomos lá.

MG - Bom.

FA - Mas, fomos no dia seguinte.

MG - Aquela que nos esperava, de onde a senhora partiu às 3 horas da manhã.

FA - Sim. Não, foi na semana seguinte, para ver o padre.

MG - O doutor Abre, a família Aréus.

FA - Nós não fomos lá.

MG - A casa Ouégounou.

FA - Não, não fomos. Estava de noite.

MG - Amaral, a casa Taon<sup>2</sup>.

FA - Nós não fomos mais.

MG - E a casa ???<sup>3</sup>. Esse percurso quem decidiu? Foi a associação, a senhora estava presente?

FA - Eu estava lá. É porque nós dizíamos que, nós falávamos, e eu disse para enviarmos cartas às pessoas, para dizer que íamos visitá-los na véspera da nossa saída, que isso ia ser bom, as pessoas ficariam contentes. E, com isso, os afro-brasileiros que não estavam lá seriam obrigados a se juntar a nós. Então, é preciso que a gente vá saudá-los, na véspera da festa. Eu prefiro que a gente mande cartas para dizer a eles que vamos chegar, que eles nos esperem na véspera. Então, quando eu disse isso, as pessoas acharam que era bom. E foi aí que, rapidamente, encomendamos cartas de visita.

MG - Foi a primeira vez que vocês fizeram a visita? Porque no ano passado não teve isso.

FA - Não, antes da festa, normalmente, há mais de cinco anos agora, seis anos, antes da festa, íamos ver os brasileiros que estão aqui com o nome deles no caderno. E nós íamos, Jean e eu, visitá-los para lhes dizer que, está aí, a festa estava se aproximando. É preciso ter a participação deles e eles dormiam. Nós encomendamos as missas e, quando Da Silva nos convidou para colocar todo mundo junto, nos deixado tudo isso [as visitas] para lá. Não fizemos mais. Antes, os parentes também o faziam. Isso permitia que as pessoas se vissem.

MG - Com o Da Silva, essa ideia de ver as pessoas acabou.

FA - Sim, e nós retomamos agora.

---

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

MG - Isso é realmente muito bom. Muito importante. E vocês escolhem as pessoas segundo algum critério?

FA - Não, não tem critério. Desde que você seja agudá, nós te visitamos.

MG - Mas vocês não visitaram todos os agudás.

FA - Nós não podemos. É porque, esse ano, nós escolhemos aqueles que estão nas paragens. O ano que vem, vamos pegar outro caminho e todos os agudás que estiverem nas paragens vamos visitar também.

MG - Eu fiquei muito impressionado. Todo o mundo aqui é agudá?

FA - Todo o mundo, menos dois.

MG - O general...

FA - Não, ele não é agudá. Mas ele, ele tem uma esposa agudá. A mulher dele é Domingos e nós não paramos lá.

MG - E o general, porque ele é general.

FA - Sim, porque ele é general.

MG - Ele é o general de Porto Novo.

FA - Sim, da delegacia, de toda a polícia do Benim.

MG - É alguém muito forte, não podemos deixar de passar. Todos os outros são agudás.

FA - Sim, tem dois que não são. Tem esse aí e Houégbounou, o amigo do Jean.

MG - Mas nós não passamos lá.

FA - Não, não passamos. Tem a Olaofê, quer dizer que as coisas o interessam, é por isso que fomos vê-lo.

MG - Bom, teve nesse percurso pessoas que chamaram minha atenção, por exemplo, o casal Francisco, ele tinha um pequeno chapéu. O que é esse chapéu?

FA - É ???<sup>4</sup>. Posso dizer que fui eu que o introduzi, quando estávamos na casa do Da Silva, porque eu disse que nós íamos nos vestir com vestidos longos, os homens com camisas longas e calças. Colados a isso, colocamos um grande chapéu.

MG - Onde vocês encontraram esse modelo de chapéu?

FA - Não, isso se vende aqui.

MG - Como é esse pequeno chapéu? Porque era isso que se utilizava no início do século, nas festas de carnaval no Brasil. É um chapéu tradicional, a senhora sabia disso?

---

<sup>4</sup> Pontos de interrogação no manuscrito. Dúvidas na transcrição.

FA - Sim, eu sabia. Quando eu era pequena, nossos pais tinham isso.

MG - Então, esse chapéu vem dos pais?

FA - Sim, as pessoas tinham esquecido e ninguém mais usava. Veio na minha cabeça que era preciso ter esse chapéu aí.

MG - E ele, ele estava bem à vontade com esse chapéu<sup>5</sup>.

FA - E eu fui encomendá-lo, eu o distribuí às pessoas, e foi o Da Silva que me deu dinheiro, nesse momento.

MG - Ah, no tempo do Da Silva. E o senhor Francisco, sua mulher é brasileira também?

FA - Não, acho que não.

MG - Ela é muito atendida e estava muito contente.

FA - Sim. Francisco, a senhora que nos preparou muita comida às 3 horas, era a primeira mulher. Ela é Campos. Mas eles se separaram. E aquela outra que está na casa é fômea, não agudá.

MG - Outra que me impressionou muito foi uma senhora Johnson nascida Gomez, porque ela estava muito contente, bem à vontade, dançava. Como chama o marido dela?

FA - Johnson Jules, ele já morreu.

MG - Então ela é viúva. Vou chamá-la para escutá-la um pouco. Eu percebi que a senhora é muito inteligente. Eu vi que as pessoas que estão mais bem colocadas<sup>6</sup> na sociedade são a senhora, dois ou três, a maior parte são pessoas que a gente chama de povinho, o brasileiro mais pobre, que acha isso engraçado, enfim. Os grandes burgueses estão diante da tevê.

FA - É verdade.

MG - Então, vou partir para a casa do senhor Francisco e da senhora Johnson, para discutir com eles.

FA - Tem a senhora Patterson.

MG - Sim, essa aí, eu a vejo com frequência.

FA - Senhor Francis de Almeida, é preciso dizer a eles para vir.

MG - Esse eu conheço muito bem. A senhora Patterson é realmente uma grande dama. Mas a senhora Patterson não pode se deslocar, ela tem problemas na perna, de saúde.

---

<sup>5</sup> Talvez o antropólogo se refira ao marido da entrevistada ou a uma terceira pessoa.

<sup>6</sup> Embora o antropólogo tenha empregado a expressão *plus à l'aise*, ou seja, mais à vontade, a expressão *plus aisés* (mais bem colocados na sociedade, mais folgados, mais ricos) parece mais adequada.

FA - Nós não pedimos a ela de vir às reuniões, mas quando tem festas é preciso que eles venham para ficar conosco.

MG - Tem alguma outra casa que visitamos e que não está na lista?

FA - Não, não tem.

MG - Todos estão na lista?

FA - Sim. Tem Bandeira, os Bandeira. Antes tem o Da Conceição. Depois do Da Conceição, tem o Da Costa. Nós visitamos mesmo o Da Conceição antes do Abul, eu acho.

MG - Bom, outra casa que me impressionou foi a do Marcelino de Almeida.

FA - Nós visitamos também a casa de Macila.

MG - Visitamos quando?

FA - Depois do Da Piedade.

MG - Como se diz?

FA - Macila.

MG - Partimos oito horas.

FA - Sim, 8 horas e 30 minutos.

MG - 8 horas já estávamos na rua. Então, voltamos às 3 horas, fizemos sete horas de caminhada. Outra casa que me impressionou foi a do Marcelino de Almeida. Jean me disse que é nessa casa que ele aprendeu a tocar quando ele era pequeno.

FA - Sim. O Marcelino mesmo, foi ele que ensinou as pessoas a tocar *tam tam*<sup>7</sup>.

MG - A *bourian* começou aqui com o Marcelino e o Gonzalo, a senhora conhece a história.

FA - Eu era pequena. Não tinha outro antes do Marcelino? Tinha o Gonzalo, mas eu esqueci.

MG - A senhora sabe que o Marcelino morreu com 90, 95 anos, em 1976. Ele é de 1880, por aí.

FA - Tinha outro antes do Marcelino<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Tam tam é um tambor africano utilizado como instrumento de música ou para a transmissão de mensagens.

<sup>8</sup> No manuscrito, na margem esquerda, existem flechas ligando esse trecho ao nome Casimiro de Almeida.

MG - Vamos nos informar. Quando estávamos na casa do Amaro, fizeram a conta de quanto ganhamos, etc., ele falou para as pessoas, ele falou em que língua?

FA - Ele falou em gom e em nagô.

MG - Como se escreve o nome do padre?

FA - Ah, Chanou.

MG - Sim. Será que encontro esse padre aí?

FA - Em Wando (Houando), junto com as religiosas.

MG - Então, eu digo aos meus amigos de me apresentar. Eles vão fazê-lo?

FA - Sim.

MG - Tenho duas coisas para perguntar à senhora. Tem uma, eu não sei se a senhora está sabendo, mas eu percebi que na *bourian*, quase todos aqueles que eu vejo têm uma ???<sup>9</sup>, com uma máscara de mulher que tem uma serpente em volta do ventre. O que é isso?

FA - Eu vou mostrar para o senhor uma fotocópia dos arquivos com fotos. Eram as pessoas de antes, nossos parentes, que tinham isso.

MG - Vocês tinham no desfile. Eu ouvi uma canção muito bonita, que falava dos agudás, que falava do Bonfim e de titio, titia<sup>10</sup>. A senhora acaba de me contar que é uma canção feita pela senhora. A senhora que fez.

FA - Sim.

MG - Quando?

FA - Faz três anos, perto da festa.

MG - E porque a senhora fez isso?

FA - Foi para atrair todos os agudás para a festa, para que eles compreendam um pouco o que nós fazemos, que é a festa deles, que é preciso que eles se juntem a nós.

MG - E é feita em nagô? Por quê? Todos os agudás compreendem o nagô ou o quê?

FA - Sim. É porque todos os agudás compreendem o nagô.

MG - E as pessoas de Porto Novo, entendem?

FA - Sim.

MG - Todo o mundo, como o gom.

---

<sup>9</sup> Pontos de interrogação no manuscrito; dúvidas na transcrição.

<sup>10</sup> No manuscrito foi transcrito “chichio”, “chichia”.

FA - Sim.

MG - Vamos, cante um pouco, então.

FA - *Awa yo lopdjo o vu o/Awa kpeni oké dja wa yo/Awa yo lodjo oni o/Odjo ohi odjo Bonfim ni/Gbogbo Agoudá édjédé ke wa há yotbis/Tiutiu won tiutiu ya/Gbogbo wéhi we édja wa dé yo/Awa yo lodjo oui o/Odjo odu odjo Bonfim ni/C'est bom.* Quer dizer: nós estamos em festa, nós estamos na alegria, você, todos os agudás, venham se juntar a nós para festejar, para se divertir. Venham, venham, é a festa do Bonfim. Venham se juntar a nós, os tios, as tias, os amigos, todo o mundo. Venham se juntar a nós para festejar. É a festa do Bonfim, é a festa dos agudás.

MG - Mas a senhora emprega as palavras “titio” e “titia”<sup>11</sup>. Isso é brasileiro. Os agudás entendem essas palavras?

FA - Sim. Bom, os tios, as tias, aqui é titio, titia.

MG - Então os agudás conhecem.

FA - Sim.

MG - Tem outras palavras [brasileiras] que os agudás utilizam nas conversas?

FA - Sim. “Mano<sup>12</sup>”, irmão, irmã. “A mesa<sup>13</sup>”, *la table*. A gente diz “missa”<sup>14</sup>, a igreja. Empregamos várias palavras na conversa.

MG - Precisa anotar todas as palavras, senhora. Vou pedir uma coisa para a senhora, um dia, a senhora pega uma folha de papel e anota todas as palavras em português que a senhora utiliza na conversa [do dia-a-dia]. Vou colocar isso em um livro com o nome da senhora.

FA - Eu prometo.

MG - Bom, eu vou te contar a história da mulher e da serpente. Eu não estou muito certo de que isso vem do Brasil essa serpente aí. Eu acho que a mulher veio do Brasil, mas a serpente, ela foi colocada em Uidá<sup>15</sup>. Eu acho.

FA - Sim, porque as agudás não são adeptas de fetiches<sup>16</sup>.

MG - É preciso pensar que todos os brasileiros são um pouco adeptos de fetiches. Somos católicos, mas damos uma olhada nessas coisas aí. Eles chegaram lá, viram que todo mundo estava com pítons. A senhora sabe por quê? Mammywata, nós a conhecemos pelo nome em iorubá, ela se chama Yemanjá. Isso quer dizer a mãe do mar,

---

<sup>11</sup> As palavras titio e titia estão em português.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Uidá ou *Ouidah*.

<sup>16</sup> O termo usado é *féticheuses*, ou que têm fetiches.

a rainha do mar. Então, nós a conhecemos como Yemanjá. E ela é associada à Santa Bárbara. Mas a Yemanjá, no Brasil, não tem serpente. Mas talvez ela tenha tido uma serpente, há muito tempo atrás. Isso eu preciso estudar bem. Desde que sou pequeno, nunca vi a Yemanjá com uma serpente. Então, talvez essa serpente tenha sido associada a ela pelas pessoas de Uidá. Vamos estudar. E eu vou perguntar para a senhora Sanvi, que é a autora desse trabalho que a senhora fotocopiou. Vou perguntar uma coisa para a senhora. Tem a associação *bourian*. A associação tem um estatuto e um regulamento interno?

FA - Não.

MG - É informal. Quando vim no ano passado, eu perguntei quem era o presidente, me apresentaram o Jean Amaral. Eu achava que era o Amaral, eu escrevi em vários lugares, mesmo nos jornais, que era o Amaral o presidente. E esse ano, apresentaram a senhora Domingos como presidente. E eu disse: não é o Amaral coisa nenhuma. Disseram: “- Não, porque ano passado a senhora [Domingos] não estava lá, Amaral pegou a presidência”. Então, a senhora [Domingos] chegou e foi sempre a presidente.

FA - Ah, bom. É o que as pessoas te disseram?

MG - E é o quê, exatamente?

FA - Nós vimos que, para que tenha a serpente, escolhemos essa dança aí. Nós escolhemos um presidente e uma presidenta.

MG - Então tem um presidente e uma presidente. Amaral é o presidente e a senhora presidente. Tem um tesoureiro?

FA - Sim.

MG - Quem é?

FA - A senhora Zinsouvi<sup>17</sup>, minha irmãzinha, ela é Campos.

MG - Ela não estava lá.

FA - Ela estava sim.

MG - Eu vi que a senhora que guardou o dinheiro e que marcou em um caderno era a senhora Falou, Domingos. Ela ajudava a mãe dela. Isso é bom. Não esqueça a lista com as palavras.

FA - Não, eu o farei. Eu encomendei um livro na França para aprender a língua. Compraram também fitas cassetes para mim, para aprender a língua. Porque, com os meus pais, falávamos um pouquinho.

MG - A senhora se lembra de alguma coisa?

---

<sup>17</sup> A caligrafia está difícil e a palavra rasurada, pode ser outro nome.

FA - Não, quando seus pais, o pai do meu pai veio, mas ele pegou uma mulher daqui. Ora, a mulher não entendia a língua dele. Ele também, não entendia a língua da mulher. Então os filhos não puderam aprender a língua do pai. As crianças estão sempre com a mãe. Então, os agudás que pegaram mulheres aqui falam com os intérpretes que traduzem o que diz a mulher deles. E a mulher também, fala aos intérpretes para o marido. É por isso que as pessoas não entendem.

MG - Eu fui à casa da senhora Patterson e a senhora conhece a mãe dela, ela é muito, muito velha, ela tem 87 anos por aí, um dia eu chego lá, a mãe pede para me ver, ela diz: “- Quem é esse senhor aí?”. Alguém diz: “- É um brasileiro”. Então ela me olha e diz: “- Bom dia. Como passou? Obrigada<sup>18</sup>”. A senhora entende isso?

FA - Sim. “Bom dia, como passou? Bem, obrigada<sup>19</sup>”. Esta aí. É o que os pais dizem quando se encontram: “- Bom dia, como passou? Obrigada<sup>20</sup>”.

---

<sup>18</sup> Essas palavras estão em português, no manuscrito.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Idem.